



## FICHA TÉCNICA

**Eduardo Leite**  
Governador do Estado

**Beatriz Araújo**  
Secretária de Estado da Cultura

**Benhur Bortolotto**  
Secretário de Estado Adjunto e Diretor Geral

**Eduardo Hahn**  
Coordenador do Departamento de Memória e Patrimônio

**Cleiton Silveira**  
Diretor do MARSUL

**Doris Couto**  
Museóloga e Diretora do Sistema Estadual de Museus

Título da Exposição:  
**HISTÓRIA PRÉ-COLONIAL DO RS: O PASSADO ATRAVÉS DAS COISAS**

**Curadoria e Pesquisa**  
Antonio Soares  
Cleiton Silveira  
Luísa D'ávila

**Projeto Expográfico**  
Carine Duarte  
Cleiton Silveira

**Produção Gráfica**  
Luísa d'Ávila

**Montagem**  
Jéssica Rosa  
Kader Spindler  
Kaelide Correa  
Eduarda Farias da Silva  
Sara Karina de Oliveira

**Infraestrutura**  
Cátia Rosa  
Isana Maria de Oliveira

Realização:



Apoio:



Colaboradores:

Ana Luiza Koehler - Artista/Ilustradora  
Bruno Müller - Artista/Ilustrador  
Dra. Fernanda Schneider - Arqueóloga  
Dr. Rafael Mendes Milheira - Arqueólogo  
Dr. Rafael Cortelletti - Arqueólogo  
Dra. Sílvia Moehlecke Copé - Arqueóloga

 02/09/2024 16:26:31 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANÁLISE PELO DMP 9

 23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINEIS EXPOSITIVOS 87

 24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 191



## HISTÓRIA PRÉ COLONIAL DO RS: O PASSADO ATRAVÉS DAS COISAS

Antes da chegada dos europeus ao continente que denominamos como América, há pelo menos 12 mil anos, já haviam pessoas habitando essas paisagens. Quando os colonizadores europeus passaram a disputar os territórios sul-americanos, nos séculos XVII e XVIII, existia uma diversidade de grupos humanos, denominados por eles como Índios, vivendo em seus próprios territórios.

O processo de colonização europeia no Brasil foi brutal com esses povos originários, reduzindo absurdamente sua população, dizimando grupos inteiros, expulsando culturas milenares das suas paisagens ancestrais. Desse passado mais remoto ficaram apenas os vestígios materiais - a cultura materializada em ferramentas, utensílios e marcas de suas engenharias na paisagem. Atualmente, em conjunto com os remanescentes destes grupos, busca-se reconstruir suas histórias.

Preservar esses vestígios é o que se propõe a Secretaria de Cultura do Estado - Sedac, por meio do Marsul, expondo não apenas o acervo arqueológico, mas buscando valorizar a presença destes grupos ancestrais, primeiros habitantes do que hoje conhecemos como estado do Rio Grande do Sul, cujos descendentes ainda lutam por sua cultura, por seus espaços, por sua existência.

Nessa exposição, denominada de "História pré-colonial do RS: o passado através das coisas.", pessoas poderão transitar pela narrativa arqueológica desse passado, experienciando uma dimensão espaço-temporal da ocupação do Rio Grande do Sul, por meio de 60 anos de pesquisas e seus vestígios mais significativos. Também conhecerão a história do Marsul e sua importância na consolidação de uma arqueologia brasileira.





## ESPAÇOS TEMÁTICOS

### APRESENTAÇÃO DA EXPOSIÇÃO ①

Vislumbre a proposta da exposição e a importância da história pré-colonial brasileira.

### ARQUEOLOGIA ②

Entenda o que é arqueologia, sua prática e a história do museu no contexto arqueológico brasileiro.

### A OCUPAÇÃO PIONEIRA DO RS ③

Descubra nesse espaço o processo inicial de povoamento da América e dos primeiros habitantes do Rio Grande do Sul.

### ④ OS GRUPOS DO PAMPA E LITORAL

Entenda as ocupações indígenas construtoras de aterros na costa do Rio Grande do Sul e zonas úmidas do pampa.

### ⑤ OS POVOS JÊ DO SUL

Seja apresentado aos grupos indígenas Jê do Sul, sua cultura construtora e seus vestígios nas terras altas do Rio Grande do Sul.

### ⑥ OS POVOS GUARANI

Compreenda a cultura indígena Guarani e seus vestígios de ocupação nas terras baixas do Rio Grande do Sul.



02/09/2024 16:26:31 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANÁLISE PELO DMP 11

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINÉIS EXPOSITIVOS 89

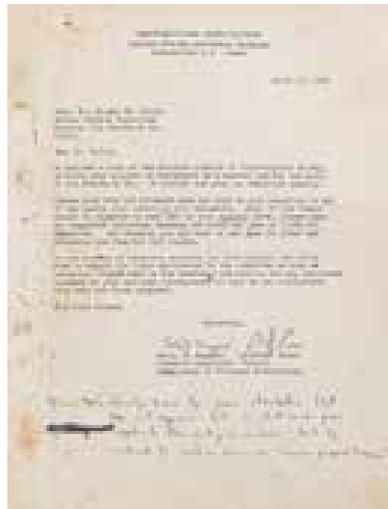
24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 193



## O MARSUL E A ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

Criado oficialmente em 12 de agosto de 1966, pelo Decreto Estadual nº 18009/66, o Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul, o Marsul, nasceu ligado ao Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, o Pronapa (1965-1970), em virtude da participação do taquarense Eurico Theófilo Miller no programa. Professor de desenho técnico, Miller realizava pesquisas arqueológicas em toda a região

nordeste do estado desde a década de 1950, como entusiasta da Arqueologia, formando uma riquíssima coleção de artefatos arqueológicos. Em 1964, Miller foi apresentado ao casal de arqueólogos estadunidenses Betty Meggers e Cliford Evans, vinculados ao Smithsonian Institution, de Washington DC., EUA, que organizaram e coordenaram tecnicamente o Pronapa no Brasil.



Correspondência sobre a participação de Eurico T. Miller no PRONAPA - Acervo Marsul, 0402

02/09/2024 16:26:31 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANÁLISE PELO DMP 12

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINÉIS EXPOSITIVOS 90

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 194



El Seminario PRONAPA Museo Paleontológico Cardel, 1961. Acervo Museu, 1961

Promoveu a integração de pesquisadores de vários estados brasileiros, que contribuíram com práticas e conhecimentos regionais. Como principal legado, é responsável pela maior parte do acervo e conhecimento arqueológico presente nas instituições brasileiras atualmente.

O programa, financiado pelo Smithsonian e pelo Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), tinha como objetivo um levantamento abrangente do contexto arqueológico brasileiro, para preencher a lacuna de informações da história pré-colonial do leste da América do Sul.



El Seminario PRONAPA Museo Paleontológico Cardel, 1961. Acervo Museu, 1961



El Seminario PRONAPA Museo Paleontológico Cardel, 1961. Acervo Museu, 1961

As pesquisas de Miller pelo Pronapa, e pelos programas descendentes como Pronapaba (o Pronapa da Bacia Amazônica) e Propa (Projeto Paleóindio), focaram nos sítios arqueológicos pré-coloniais e formaram aproximadamente 90% do atual acervo do museu.

02/09/2024 16:26:31 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANALISE PELO DMP 13

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINES EXPOSITIVOS 91

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 195



A instituição estadual nasceu com o objetivo de ser uma referência em pesquisa, com projeção nacional e de importância internacional. A sede própria foi construída entre 1973 e 1977, no município de Taquara, sendo na época o único museu arqueológico da América Latina a ter uma sede construída especificamente para a finalidade museológica.



Visa do prédio principal em Taquara, RS, 1977



1ª Exposição Estadual de Museus do RS, 1977

Sua reserva técnica possui um dos maiores acervos arqueológicos pré-coloniais do Brasil, abrigando mais de 1 milhão de peças. O museu e seu acervo contribuem para pesquisas científicas brasileiras e internacionais, preservando a memória e a história sobre as ocupações humanas nesta parte da América do Sul.

02/09/2024 16:26:31 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANALISE PELO DMP 14

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINEIS EXPOSITIVOS 92

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 196



A arqueologia no Brasil é praticada desde o século XIX, por pesquisadores não especializados. É na segunda metade do século XX que a disciplina começa a ser praticada de forma científica, com profissionais sendo formados em cursos ministrados por arqueólogos estrangeiros. Nesse contexto, o Pronapa contribuiu para a estruturação da profissão, ampliando, sistematizando e profissionalizando o trabalho arqueológico no território brasileiro. No final do século XX a Arqueologia brasileira teve sua profissionalização impulsionada com muitos projetos de pesquisa, legislação específica, criação de disciplinas e graduações acadêmicas nas universidades. Somente em 2018, as arqueólogas e arqueólogos brasileiros tiveram sua profissão regulamentada no Brasil, por meio da Lei 13.653/2018.

É no âmbito das discussões acadêmicas que o Pronapa foi duramente criticado. Nesse debate profissional e acadêmico, a arqueologia brasileira passa de uma prática focada em diagnóstico cultural e reducionismos estatísticos, para uma ampla gama de discussões teóricas sobre sociedades, ambientes e cultural material. Atualmente, a arqueologia procura sair de seu cientificismo inerente e colonial, para uma conexão com os conhecimentos diversos, construindo narrativas arqueológicas plurais.



02/09/2024 16:26:31 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANÁLISE PELO DMP 15

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINÉIS EXPOSITIVOS 93

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 197



# COMO SE DESENVOLVE UMA PESQUISA ARQUEOLÓGICA?

Uma pesquisa arqueológica se inicia com perguntas, resumidas em um projeto de pesquisa. O projeto é construído com fundamentações teóricas e metodológicas buscadas na bibliografia, além do planejamento de execução da pesquisa, que pode prever escavações, análises laboratoriais, entre outros recursos metodológicos. O produto final de uma pesquisa são os relatórios e publicações, os quais divulgam os resultados para a comunidade científica.

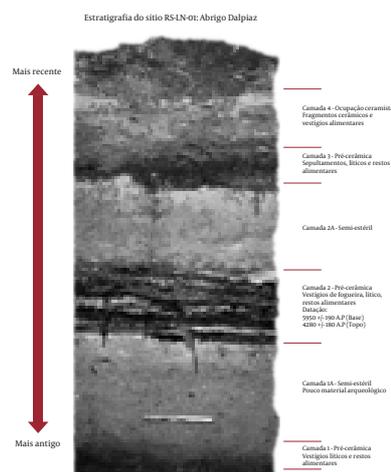


Escavação no sítio ME-GC-01: Abrigo do Sol, Vila Rica de Antares, Trindade, RJ. Acervo Marsul, 1947.

Tempo e espaço são aspectos muito importantes na ciência arqueológica. A estratigrafia de uma escavação é uma das formas de interpretar esses aspectos. Observar a sobreposição vertical de sedimentos permite entender e narrar a sequência de eventos ocorridos em um lugar. Ao olhar horizontalmente para a disposição dos vestígios, na mesma camada de sedimentos, interpreta-se as formas de ocupação desse espaço.



As "atividades de campo" ocorrem com o objetivo de auxiliar nas respostas às perguntas realizadas no projeto. Geralmente preveem o mapeamento e escavação de um ou mais sítios arqueológicos. Uma atividade que se faz com práticas próprias da disciplina, seguindo teorias e metodologias na interpretação de tempo e espaços.





Excavação no sítio 02-546-Altitude, Itapetininga, SP. Acervo Marsul, 0174

Todos os dados levantados e vestígios coletados são processados em laboratório. Nessa etapa o material arqueológico passa por curadoria, para então ser analisado, registrado e integrado ao acervo de alguma instituição, como o Marsul.



Desenho técnico de reconstrução do cerâmico Sítio 02-546-Altitude da Itapetininga, Itapetininga, SP. Documentação Marsul, 017019

O registro de um sítio arqueológico é realizado em diferentes escalas. A topografia é utilizada para entender a forma do sítio e sua localização na paisagem. Atualmente, além dos equipamentos tradicionais utilizados na produção de croquis, como GPS e estação total, também são utilizadas novas tecnologias, como imagens de satélite e sensores remotos (Drones e LiDARs).

As metodologias de escavação arqueológica se baseiam em um controle vertical e horizontal dos vestígios, registrando cada estágio da escavação com desenhos e fotos. O objetivo é ter a maior quantidade de dados possíveis, de forma a entender o contexto do que está sendo escavado.



Paulo S. Santos Milani e José Brochardo. Manejo de cerâmicas em laboratório. Acervo Marsul, 0175

Os desenhos técnicos também são realizados em laboratório, durante a análise do material arqueológico. Neles são registradas as características do artefato, que possam auxiliar na reconstrução da sua manufatura, uso e significado.



Representação topográfica do terreno Sítio 02-546-Altitude, Itapetininga, SP. LEFVARQ/UFPEL, 2014



## O QUE É ARQUEOLOGIA?

A Arqueologia é a ciência que investiga a emergência, a manutenção e a transformação dos sistemas socioculturais através dos tempos, por meio da cultura material por eles produzida. Cultura material são as “coisas” que produzimos enquanto seres humanos. Podem ser ferramentas e utensílios que demonstram a tecnologia de uma cultura - sua

forma de comer, de buscar ou produzir comida; tanto quanto a forma de morar; o lugar de enterrar e lembrar dos ancestrais; de festejar e celebrar as entidades religiosas. Muito além de objetos, cultura material é a expressão de identidades e visões de mundo. A Arqueologia, portanto, estuda pessoas, lugares e suas coisas.



Vasilhas cerâmicas de Guarani Rio Grande do Sul Arquivo Nacional



Garrafa de vidro com tampa de vidro em formato de alfinete em vidro - Sécs XIX, século XX em (A) e (B) em (C). Sítio BS5A01: Casa de São Bento - Ponta Alegre, RS. Arquivo Museu Imigração José Feliciano



Garrafas de cerveja em vidro - Sécs XIX, século XX em (A) e (B) em (C). Sítio BS5A01: Casa de São Bento - Ponta Alegre, RS. Arquivo Museu Imigração José Feliciano



Tábua de mesa em Talavera fina - Pátula - Sécs XIX, século XX em (A), (B) em (C). Doador Família Borelli. Companhia - IEC. Arquivo Museu Municipal de Cotporã

02/09/2024 16:26:31 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANÁLISE PELO DMP 18

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINÉIS EXPOSITIVOS 96

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 200



02/09/2024 16:26:31 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANALISE PELO DMP 19

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINEIS EXPOSITIVOS 97

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 201



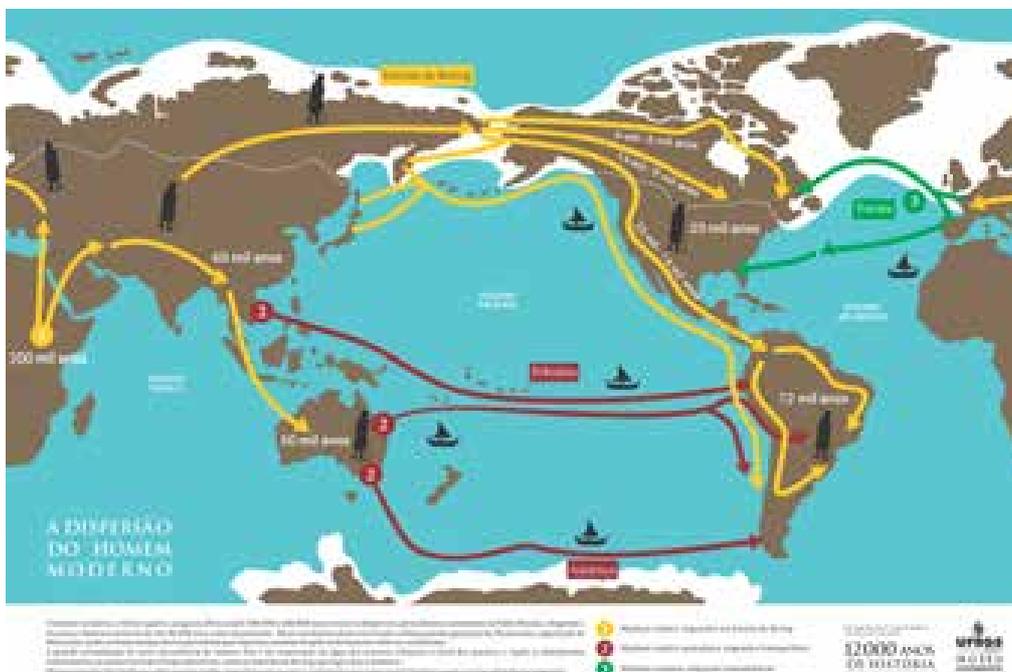
## DE ONDE VIERAM ESSES POVOS?

Nós seres humanos pertencemos a ordem dos primatas e, como espécie, surgimos por volta de 300 mil anos atrás, no que hoje é o continente africano. Ao longo dos milênios, nossos ancestrais foram se espalhando por todo o planeta, inteligentes e adaptativos a praticamente qualquer tipo de ambiente e clima. Homo sapiens, não possuímos subespécies nem raças que nos distinguem, mas sim grupos genéticos com características físicas que nos fazem diversos na cor da pele, estatura, cabelos e características corporais.

O processo de povoamento do continente americano é um dos principais temas de estudo da arqueologia, relacionando biologia e cultura material. Uma das hipóteses mais aceita é que existiram múltiplas ondas de migrações vindas da Ásia até a América do Norte, pelo estreito de Bering, a partir de 20 mil anos atrás.

### A CHEGADA NO EXTREMO SUL DO BRASIL

Pesquisas arqueológicas no Rio Grande do Sul evidenciaram ocupações humanas por volta de 12 mil anos antes do presente. Esses primeiros registros estariam, em sua maioria, no oeste do estado, ao longo do Rio Uruguai e seus afluentes, além de algumas evidências também no vale do Rio Caí, na encosta do planalto. Essas pessoas chegaram ao extremo sul do Brasil durante um clima pleistocênico, mais frio e seco do que temos nos dias de hoje.



02/09/2024 16:26:31 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANÁLISE PELO DMP 20

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINÉIS EXPOSITIVOS 98

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 202

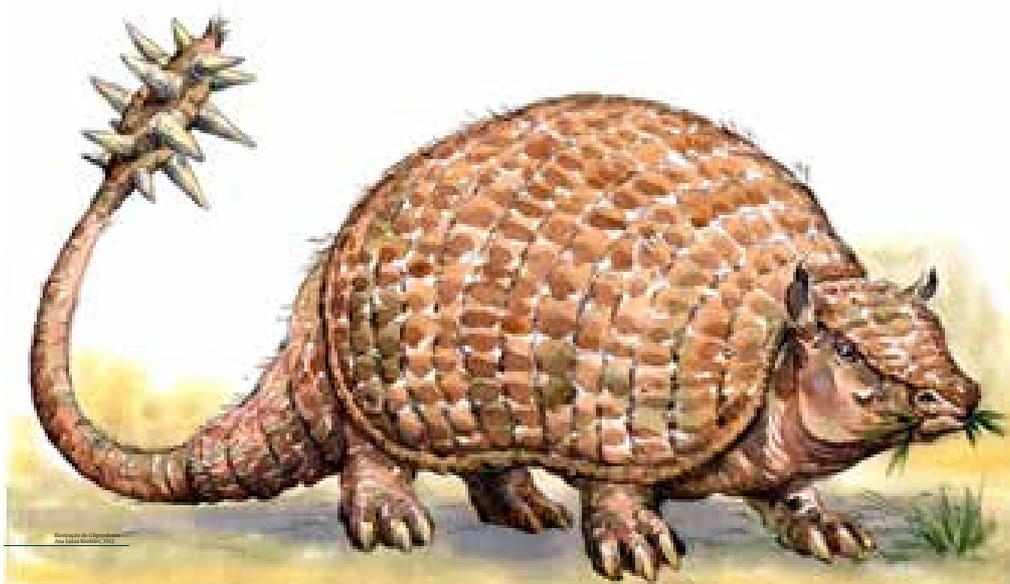


## POVOS DO RIO GRANDE DO SUL

Durante todo esse período de ocupação, populações com trajetórias e culturas diferentes foram se estabelecendo ao longo desse território. Inicialmente, os pioneiros caçadores-coletores nas planícies, ocupando posteriormente também as áreas de floresta e áreas úmidas, do pampa ao litoral. Esses grupos pioneiros conviviam com animais da megafauna como Milodontes (preguiça-gigante), Mastodontes e Gliptodontes (tatu gigante), sobreviventes da era do gelo. Com a transição para um clima mais quente, no Holoceno, esses animais entraram em processo de extinção, acelerado também pelas atividades de caça. Entre 7 e 9 mil anos atrás já se encontravam praticamente extintos.

Representando uma 2ª onda migratória, por volta de 2000 anos atrás, grupos falantes de línguas do tronco Macro-Jê, nomeados pela arqueologia de Proto-Jê, provenientes do planalto central, e os grupos falantes da língua tupi-guarani, migrantes da Amazônia, denominados pela arqueologia de Tupiguarani. Essas culturas ceramistas interagiram com esses grupos já estabelecidos, transformando subsistências e territorialidades.

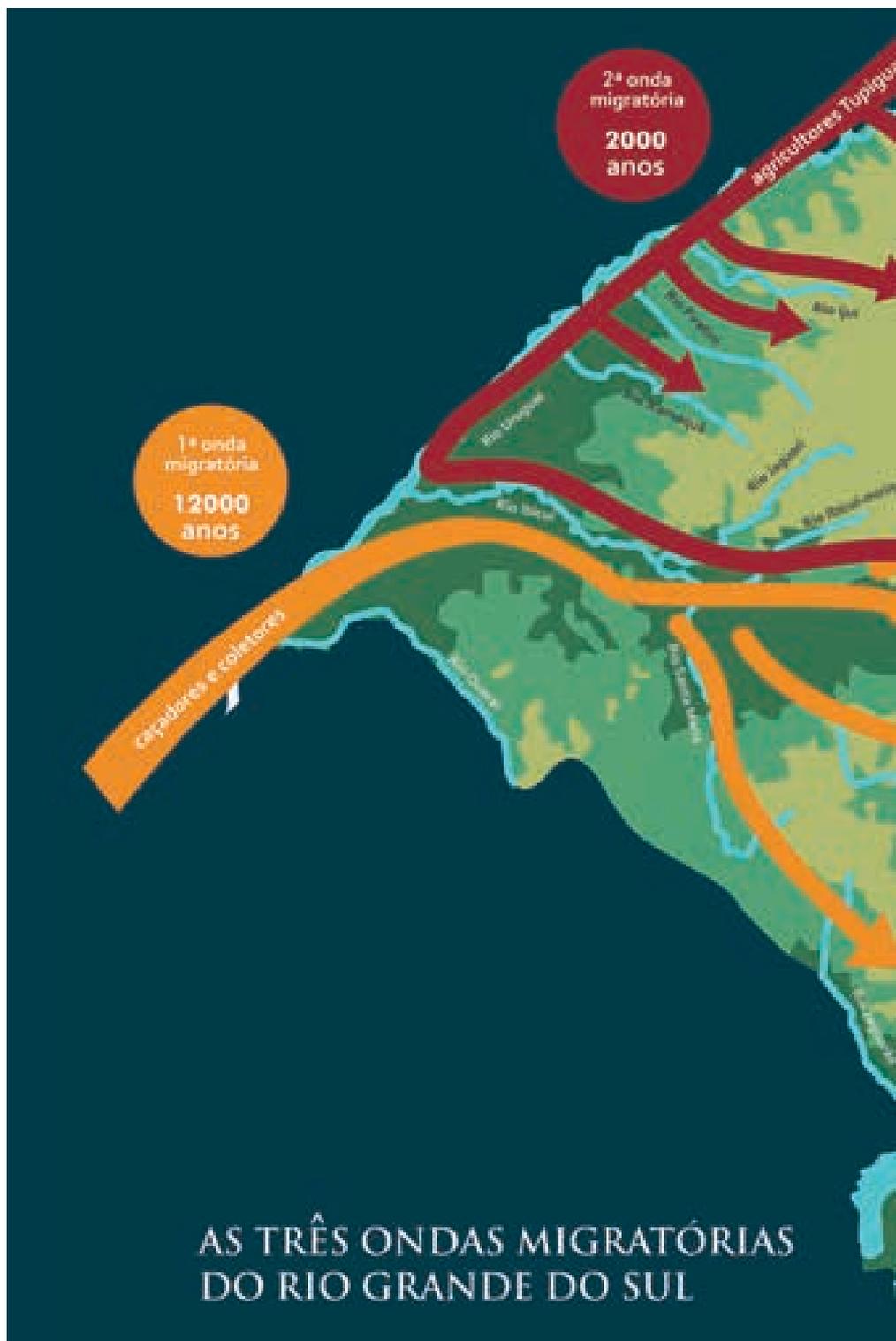
A 3ª onda migratória, invasiva e colonizadora, é representada por portugueses e espanhóis, que nos séculos XVI, XVII e XVIII entraram em confronto com as populações indígenas aqui existentes, impactando suas trajetórias culturais.



02/09/2024 16:26:31 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANÁLISE PELO DMP 21

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINÉIS EXPOSITIVOS 99

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 203



02/09/2024 16:26:31 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANALISE PELO DMP 22

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINEIS EXPOSITIVOS 100

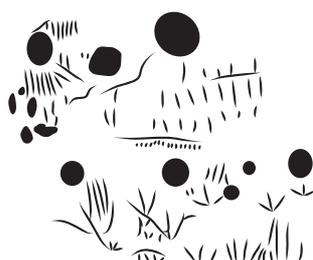
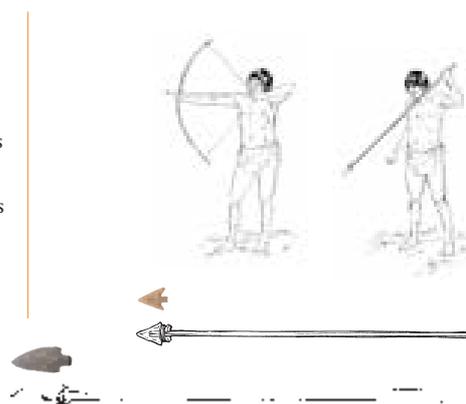
24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 204







As pontas de flechas e de lança são típicos artefatos que caracterizam a cultura material destes grupos. São confeccionadas em vários tipos de rocha, conforme a disponibilidade e a escolha de matéria-prima. Possuem diversos formatos, os quais caracterizam estilos tecnológicos e funcionalidades diferentes.



Arte rupestre está presente em alguns abrigos e paredões do RS, com entalhamentos em motivos geométricos abstratos e biomorfos (formas de animais), que expressam simbologias e aspectos da vida dessas populações. A associação cultural e temporal desses desenhos ainda é complexa para a arqueologia, apresentando contextos de ocupação caçadora-coletora, Guarani e Jê, em diferentes períodos, dificultando sua interpretação. No sítio RS-SM-07: Abrigo da Pedra Grande é observado o motivo "tridáctilo", formado por três linhas, assemelhando-se a pegadas de ave, muito frequente no sul do Brasil.



24110000018117



24110000018117



24110000018117



02/09/2024 16:28:17 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANEXAR DOCUMENTAÇÃO 26

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINÉIS EXPOSITIVOS 104

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 208



02/09/2024 16:28:17 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANEXAR DOCUMENTAÇÃO 27

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINEIS EXPOSITIVOS 105

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 209



## “ZÉ” - UM ANCESTRAL MILENAR

“Zé” foi encontrado no sítio arqueológico RS-LN-1: Abrigo Dalpiaz, no ano de 1961, localizado no município de Maquiné - RS, durante as pesquisas arqueológicas desenvolvidas pelo arqueólogo Eurico Th. Miller. O nome é um apelido carinhoso que recebeu da equipe do Marsul nos anos 1980. O abrigo apresentou uma ocupação humana intensa, com vestígios de quatro períodos diferentes, tendo sua ocupação mais antiga datada em até 6.000 anos antes do presente. Zé foi encontrado sem artefatos associados, em uma posição estratigráfica com muitas alterações de animais e raízes, causando dúvidas sobre o seu período de vida e grupo cultural. A principal interpretação dos arqueólogos é que ele fazia parte de grupos caçadores-pescadores, que ocuparam o abrigo a partir de 4.000 anos antes do presente.



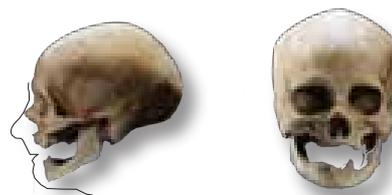
O esqueleto completo, que estava sepultado em posição fetal, entre grandes blocos de arenito, surpreendeu pelo seu excelente estado de conservação. Outros vestígios de ossos e crânios também foram encontrados no contexto de escavação, totalizando quatro indivíduos adultos e uma criança. Atualmente, Zé e os demais indivíduos são parte do acervo arqueológico do Marsul, como um vestígio das primeiras ocupações humanas nas paisagens litorâneas do Rio Grande do Sul.



Registro do sítio arqueológico RS-LN-1: Abrigo Dalpiaz, Maquiné - RS, Agosto/Março, 1961



Esqueleto do Zé completo  
Museu Histórico Municipal



Análises morfológicas com técnicas forenses apontam que Zé tinha aproximadamente 45 anos quando morreu. Os seus ossos apresentam graves lesões calcificadas na coluna vertebral e na clavícula direita, evidenciando que foi cuidado pelo seu grupo durante sua recuperação de algum evento traumático. Esses indícios, somados ao sepultamento cuidadoso, indicam se tratar de alguém importante para o grupo, um líder.

Em 2004, análises morfológicas encontraram similaridades desse crânio com os crânios do sítio arqueológico na Lapa do Sumidouro, em MG, de características africanas, denominado "Povo de Luzia". Em 2020, recursos computacionais permitiram sua reconstrução facial, cuja divulgação alcançou todo o País. Atualmente, pesquisas genéticas estão sendo desenvolvidas com amostras do esqueleto, a fim de conhecermos mais sobre o Zé e a genética de seu grupo, ajudando a entender a trajetória de povoamento do RS.



Reconstrução facial  
Elaborada por Carlos Moraes  
Arquivo Municipal, 2020

02/09/2024 16:28:17 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANEXAR DOCUMENTAÇÃO 29

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINÉIS EXPOSITIVOS 107

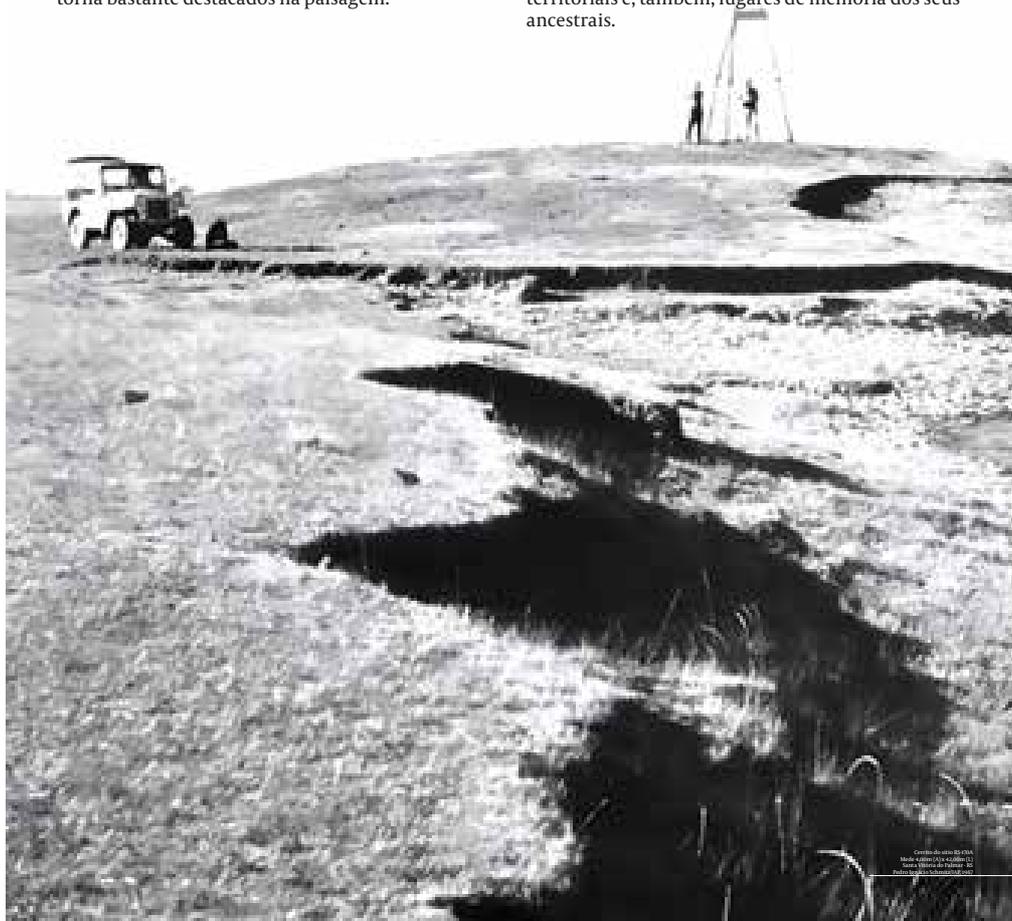
24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 211



## CAÇADORES-COLETORES DO PAMPA: OS CONSTRUTORES DE CERRITOS

Os cerritos são aterros feitos pelas populações indígenas, compostos pelo acúmulo de sedimentos, artefatos de uso cotidiano, restos alimentares de animais e plantas. Neles são encontrados fragmentos de vasilhas cerâmicas, ferramentas líticas e, em alguns casos, sepultamentos humanos. Já foram registrados sítios com dezenas de aterros associados, alguns alcançando até 5 metros de altura, o que os torna bastante destacados na paisagem.

As pesquisas demonstram que foram construídos intencionalmente como aterros, porém, em alguns casos, as populações apenas aproveitaram áreas naturalmente elevadas nos banhados, geralmente associadas a matas nativas. Os cerritos eram espaços de moradia em área alagadas, acampamentos de caça e pesca lacustre, áreas de plantio de abóbora, milho e feijão, demarcadores territoriais e, também, lugares de memória dos seus ancestrais.



02/09/2024 16:28:17 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANEXAR DOCUMENTAÇÃO 30

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINÉIS EXPOSITIVOS 108

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 212



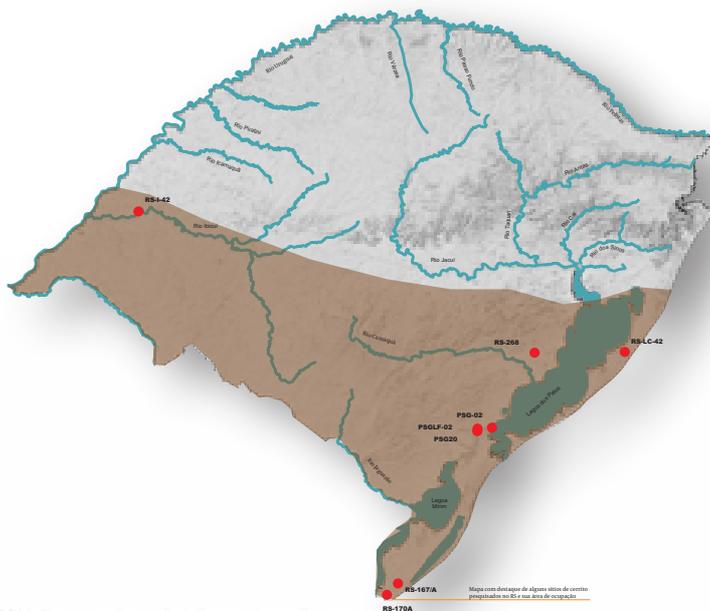
24110000018117



24110000018117



24110000018117



02/09/2024 16:28:17 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANEXAR DOCUMENTAÇÃO 31

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINÉIS EXPOSITIVOS 109

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 213



Esses sítios arqueológicos ocorrem em áreas alagadiças, entre Brasil, Uruguai e Argentina. No Rio Grande do Sul, os cerritos se localizam em zonas de banhados e charcos, desde o interior do estado até as grandes lagoas litorâneas, como a laguna dos Patos e Lagoa Mirim.



Parque Estadual dos Cerritos, Paróquia de São João, município de Arroio do Meio, RS. Imagem de Rafael Motta/Agência de Notícias, 2011.



Cerrito de Santa Maria, Rocha, Uruguai. LAPP/Unicamp, 2011.

Essas estruturas arqueológicas datam entre 4.700 até 200 anos atrás, sendo as mais antigas encontradas em Rocha, Uruguai, no banhado de Índia Muerta e nascentes do rio San Luis. No Rio Grande do Sul, os cerritos mais antigos têm datas de aproximadamente 3.000 anos atrás e são localizados em Santa Vitória do Palmar (RS 167/A), Capão do Leão (PSGLF-02) e Mostardas (RS-LC-42).

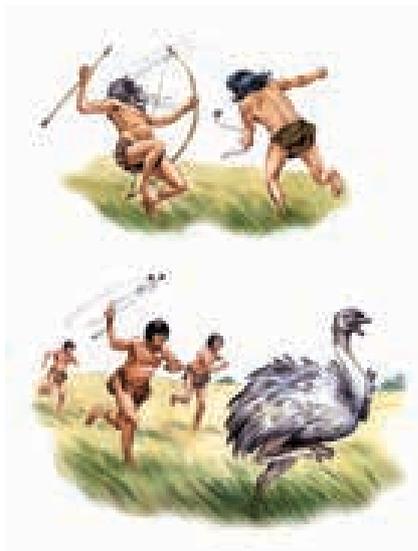


Cerrito do sítio PSGLF-02, banhado de Índia Muerta, RS. Documento LAPP/Unicamp, 2011.

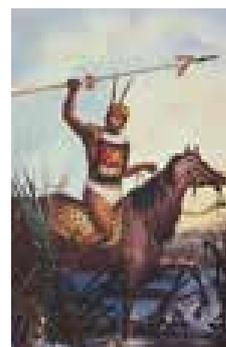
As pesquisas recentes têm demonstrado que a estratigrafia de um cerrito não apresenta uma sobreposição de ocupações sequenciais. A construção desses aterros seria o resultado de uma dinâmica de reocupações, com eventos de manejo e reconstrução de espaços. As estruturas seriam multifuncionais, manejadas para diferentes fins ao longo do tempo, por vezes simultaneamente.



No contexto brasileiro e uruguaio foram associados aos grupos Charrua e Minuano, historicamente ocupantes do mesmo território. Já na região do Delta do Paraná, na Argentina, a associação é feita com os Chaná-timbú, que comporta grupos indígenas bastante conhecidos historicamente pelos abundantes relatos de viajantes e cronistas a partir do século XVI.



Na Arqueologia as cerâmicas encontradas nos cerritos foram classificadas como Tradição Vieira. Tal nome está associado ao Arroio Vieira, curso d'água próximo aos primeiros sítios arqueológicos identificados no município de Rio Grande. Essa tradição tecnológica representa o desenvolvimento da cerâmica por caçadores-coletores do pampa.



Representação de um gaúcho (Joaquim Segismundo, 1854)

As boleadeiras - seixos lascados e polidos, são artefatos típicos desses povos. Eram utilizadas para caça de animais nos campos do pampa, além de conflitos entre grupos. São encontrados principalmente em áreas de caça e também em contextos de sepultamento, caracterizando um artefato de uso cotidiano, mas que também possuía valor simbólico especial.



Vasilha cerâmica remendada (Museu do Rio Grande, Rio Grande/RS)



## PESCADORES-COLETORES DO LITORAL: OS CONSTRUTORES DOS SAMBAQUIS

Esses sítios foram construídos por grupos habitantes das planícies costeiras brasileiras, que viveram entre 6 e 2 mil anos antes do presente, e chegaram há aproximadamente 4 mil anos no território do atual RS. Com uma cultura bastante diferente das outras que habitavam o interior, se destacavam pela sua cultura material e estruturas geralmente monumentais: os sambaquis. Essas estruturas são formadas por acúmulos progressivos de carapaças de moluscos e ossos de peixes, restos alimentares desses grupos, formando elevações que se destacam na paisagem.

Os sambaquis são encontrados em várias partes do mundo e não estão vinculados a uma única cultura arqueológica. Ocorrem ao longo de toda a costa do continente americano, assim como no litoral africano, litoral norte europeu e na Oceania. São conhecidos como *shellmounds*, em inglês; e *conchales*, em espanhol. No Brasil, o nome sambaqui tem origem nos termos da língua tupi-guarani: *tamba* (conchas) e *ki* (amontoado) - monte de conchas.



02/09/2024 16:28:17 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANEXAR DOCUMENTAÇÃO 34

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINÉIS EXPOSITIVOS 112

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 216



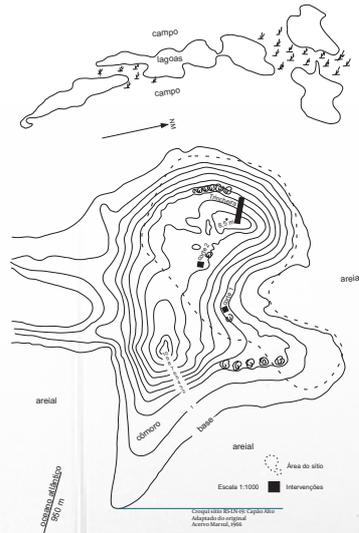
24110000018117



24110000018117



24110000018117



No Rio Grande do Sul foram construídos sobre os imensos cordões de areia da costa, que proporcionaram o acesso aos recursos provenientes do mar, dos lagos e lagoas, bem como das áreas de restinga. Há mais de 50 sambaquis e concheiros registrados no estado, sendo o Sambaqui de Xangri-lá o maior deles. Nomeado de RS-LN-19: Capão Alto, foi registrado e pesquisado por Eurico Th. Miller, fundador do Marsul, no ano de 1966, tendo sido datado em 3 mil anos antes do presente.





24110000018117



24110000018117



24110000018117



02/09/2024 16:28:17

SEDAC/DMP/481734601

PARA ANEXAR DOCUMENTAÇÃO

36

23/09/2024 11:45:44

SEDAC/DEA/384768301

MARSUL PAINÉIS EXPOSITIVOS

114

24/09/2024 17:37:33

SPGG/DELIC/CELIC/349709701

DISPENSA PARA ASJUR JO

218



## A CULTURA MATERIAL DOS PRIMEIROS PESCADORES DO RS



Zoólito - Confeccionado em serpentina polida. Função representativa em litário. Mede 4,5 cm (A) x 12,4 cm (L) x 1,1 cm (E). Centro de origem: RS. Acesso: LEFARARJEPFL



Zoólito - Confeccionado em Sierita polida. Escultura representando uma Ave Culicidiforme (Pomba). Mede 4,5 cm (A) x 12,4 cm (L) x 1,1 cm (E). Centro de origem: RS. Acesso: LEFARARJEPFL



As pesquisas arqueológicas apontam que essas estruturas seriam principalmente funerárias, ainda que muitas apresentem vestígios de habitação. Seus sepultamentos eram praticados com rituais complexos, acompanhados por objetos, adornos e oferendas, tendo seus corpos pintados com minério de ferro. Alguns indivíduos eram sepultados com pequenas estatuetas, chamadas de “zoólitos”.

Os zoólitos são artefatos em forma de animais (zoo), feitos em pedra (litos), encontrados principalmente em contexto de sambaquis, porém também aparecem em cerritos e pequenos concheiros. Fazem parte da representação da vida cotidiana dessas populações litorâneas e de áreas úmidas, em contato diário com aves marinhas, peixes e outros animais. Possivelmente sua funcionalidade está relacionada ao simbolismo do sepultamento e seus rituais funerários.

Esses grupos viviam basicamente da pesca (lacustre e marinha), da coleta de molusco, da caça de aves e mamíferos costeiros. Essa forma de subsistência se reflete em sua cultura material, produzindo utensílios e ferramentas em ossos, como pontas de projétil e anzóis; adornos a partir de conchas de moluscos; além de instrumentos em pedra, como lâminas de machado; espátulas; pesos de rede e de linha (chumbadas).



Em atendimento ao Solicitante do item 05/AN/04 Capão Alto  
Sede: 05  
Rua: 05/01, 200

02/09/2024 16:29:45 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANEXAR DOCUMENTAÇÃO 38

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINEIS EXPOSITIVOS 116

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 220



## CONSTRUTORES DAS TERRAS ALTAS: OS POVOS JÊ DO SUL

Os grupos ceramistas Jê chegaram há 2 mil anos antes do presente na região sul do Brasil, vindos do planalto central brasileiro, expandindo sua ocupação até os campos de cima da serra no Rio Grande do Sul. Estes grupos tinham na engenharia de terra sua principal característica cultural, transformando a paisagem natural. Um exemplo desse tipo de engenharia são os "danceiros", formados por cordões de terra, circulares ou quadrangulares, com aterros comumente presentes em seu centro. Eram utilizados para cremar e sepultar seus mortos, realizar festividades e cerimoniais, por volta de mil anos atrás.

Podem ser considerados como marcos na paisagem, demarcando o território Jê nas terras altas.

Outros cemitérios também foram evidenciados desde suas primeiras ocupações na região sul, em grutas e abrigos sob rocha, demonstrando uma preocupação em separar o mundo dos vivos do mundo dos mortos ao longo de sua trajetória cultural. Esses dois espaços diferentes na prática mortuária ainda geram discussões entre os pesquisadores, podendo demonstrar tanto uma mudança ao longo do tempo na forma de tratar os mortos, quanto em sua complexidade social.



02/09/2024 16:29:45

SEDAC/DMP/481734601

PARA ANEXAR DOCUMENTAÇÃO

39



23/09/2024 11:45:44

SEDAC/DEA/384768301

MARSUL PAINÉIS EXPOSITIVOS

117



24/09/2024 17:37:33

SPGG/DELIC/CELIC/349709701

DISPENSA PARA ASJUR JO

221



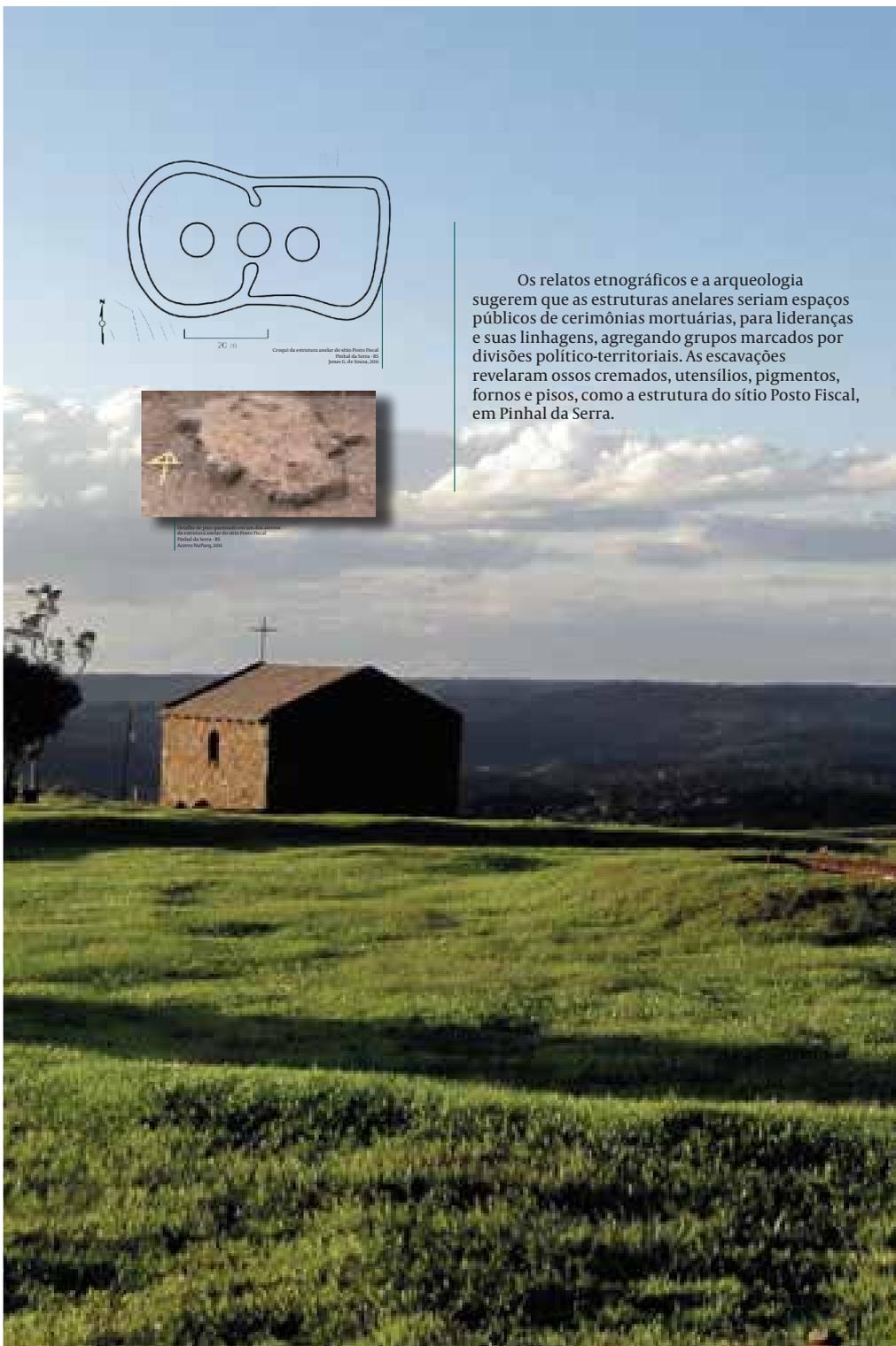
24110000018117



24110000018117



24110000018117



02/09/2024 16:29:45 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANEXAR DOCUMENTAÇÃO 40

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINÉIS EXPOSITIVOS 118

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 222



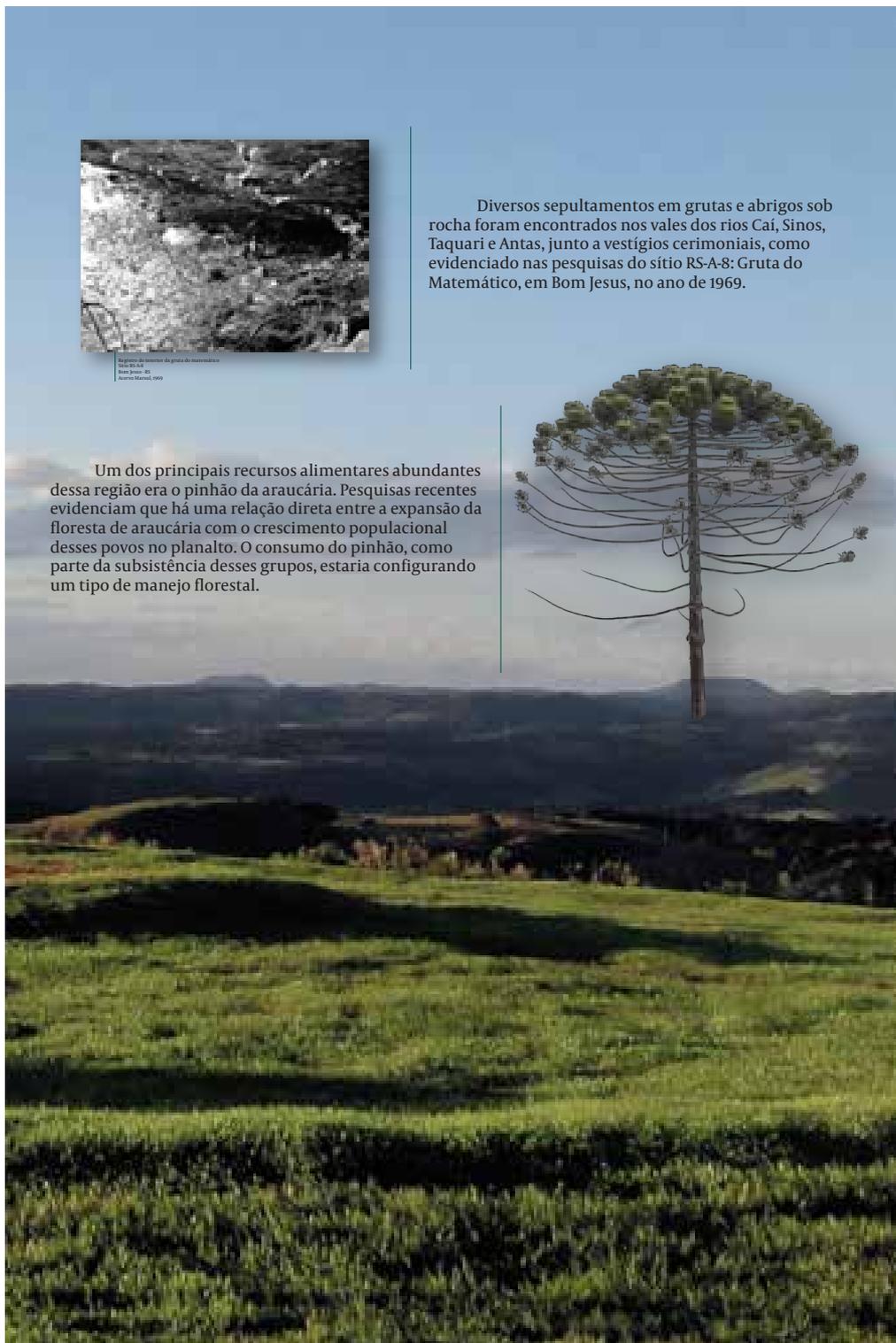
24110000018117



24110000018117



24110000018117



Registro do interior da gruta do matemático  
Sítio RS-A-8  
Bom Jesus-MS  
Acervo Museu, 1969

Diversos sepultamentos em grutas e abrigos sob rocha foram encontrados nos vales dos rios Cai, Sinos, Taquari e Antas, junto a vestígios cerimoniais, como evidenciado nas pesquisas do sítio RS-A-8: Gruta do Matemático, em Bom Jesus, no ano de 1969.

Um dos principais recursos alimentares abundantes dessa região era o pinhão da araucária. Pesquisas recentes evidenciam que há uma relação direta entre a expansão da floresta de araucária com o crescimento populacional desses povos no planalto. O consumo do pinhão, como parte da subsistência desses grupos, estaria configurando um tipo de manejo florestal.



02/09/2024 16:29:45 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANEXAR DOCUMENTAÇÃO 41

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINÉIS EXPOSITIVOS 119

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 223





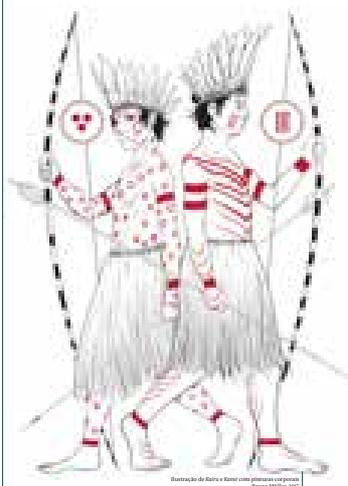
## QUEM SÃO ESSAS PESSOAS?

Os Kaingang (sob a autodenominação *Kanhgág*) e os Xokleng (sob a autodenominação de *Laklânô; Konglui; Zagaua e Ngrokôthi-tô-prèy*) são as duas grandes etnias reconhecidas atualmente como descendentes da cultura jê no sul do Brasil. Pertencentes ao tronco linguístico Macro-Jê, possuem sobreposição geográfica com vestígios de ocupação pré-colonial nas terras altas do sul do Brasil. Arqueologicamente esses vestígios foram reunidos à sombra da classificação tecnológica de “Tradição Taquara-Itararé/Casa de Pedra”, que ao longo de 70 anos de pesquisas foram sendo relacionados à cultura Jê, sob as denominações de cultura material “Proto-Jê Meridional” ou “Jê do sul”.

Os Kaingang, de acordo com informações históricas e etnográficas, ocupavam extensivamente a região do planalto, no Rio Grande do Sul, oeste de Santa Catarina, norte da Argentina, Paraná e São Paulo. Os Xokleng, por outro lado, predominavam mais a leste dos estados do sul, estendendo-se do planalto ao litoral. Esses grupos, entre os séculos XVI e XIX, foram pressionados e assolados pela expansão da colonização na região sul, entrando em confronto direto até o final do século XIX e início do XX, quando as últimas lideranças resistentes foram submetidas ao aldeamento colonial. Atualmente, existem aproximadamente 53.000 indígenas que se reconhecem sob essas etnias, lutando para retomar seus territórios ancestrais.

Os grupos Jê possuem um princípio cosmológico dualista de sociedade, uma visão de mundo que organiza a vida social e simbólica dessas pessoas, determinando casamentos, unidades político-territoriais, sociabilidade e expressões identitárias. Entre os Kaingang as divindades míticas originadoras são *Kamé* e *Kairu*, que criaram todos os seres da natureza, complementares e assimétricos. O Sol é *Kamé* e a Lua é *Kairu*; o pinheiro é *Kamé* e o cedro é *Kairu*. As metades, dessa forma, carregam valores e símbolos, como forte e fraco; alto e baixo; comprido e redondo; aberto e fechado. Esses elementos são reproduzidos então nas pinturas corporais, grafismos, cestarias e rituais, que são essenciais para a organização e afirmação dessa cultura.

A arqueologia tem buscado relacionar essas expressões com a cultura material pré-colonial, nos grafismos rupestres e decorações cerâmicas que apresentam símbolos semelhantes às pinturas corporais e padrões de cestaria atribuídas às metades.





24110000018117



24110000018117



24110000018117



02/09/2024 16:29:45 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANEXAR DOCUMENTAÇÃO 44

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINEIS EXPOSITIVOS 122

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 226





24110000018117



24110000018117



24110000018117



02/09/2024 16:29:45 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANEXAR DOCUMENTAÇÃO 46

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINEIS EXPOSITIVOS 124

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 228



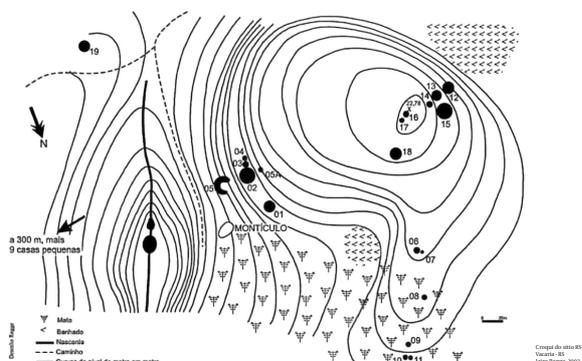
## AS CASAS SUBTERRÂNEAS

Os vestígios mais conhecidos e evidentes dos Jês do sul são as chamadas “casas subterrâneas”, que são estruturas escavadas em forma côncava no solo argiloso, cobertas por telhados de palha, com diâmetros que variam de 2 a 22 metros. São encontradas, além do Rio Grande Sul, no Paraná e Santa Catarina, com algumas ocorrências em São Paulo e Minas Gerais. Ocorrem isoladas ou em conjuntos grandes, como no sítio RS-A-29, com 40 estruturas.

As pesquisas arqueológicas demonstraram que essas “casas” começaram a ser construídas há 1500 anos atrás, funcionando como abrigo térmico para esses grupos que ocupavam as terras altas, esquentando nas estações frias e refrescando nas estações quentes. Suas diferenças em tamanho e disposição na paisagem sugerem várias

possibilidades de uso e significado, como espaço de armazenamento; posto de vigia; espaço de convivência; e habitação. Contudo, a utilização como moradia, de famílias nucleares ou comunais, vem sendo a interpretação predominante para essas estruturas.

Como espaço predominantemente doméstico, a ocorrência de vários conjuntos de casas sugere aos pesquisadores uma configuração de aldeia. Datações em várias estruturas do mesmo sítio, no entanto, demonstraram que nem todas eram ocupadas simultaneamente, representando uma ocupação sistemática do espaço ao longo do tempo. Essa constatação contribuiu para o significado dessas estruturas na dinâmica de ocupação e territorialidade desses grupos.



Detalhamento da construção de 21 casas subterrâneas. Sítio RS-95-01 João Rodrigues Varela, Entre-Ijuí, RS. Pedro A. Marco Ribeiro, 1985.



Casa 14 (construída em metros de diâmetro). Sítio RS-AN-01, Barão de São João, RS. Sérgio Cogni, 2001.



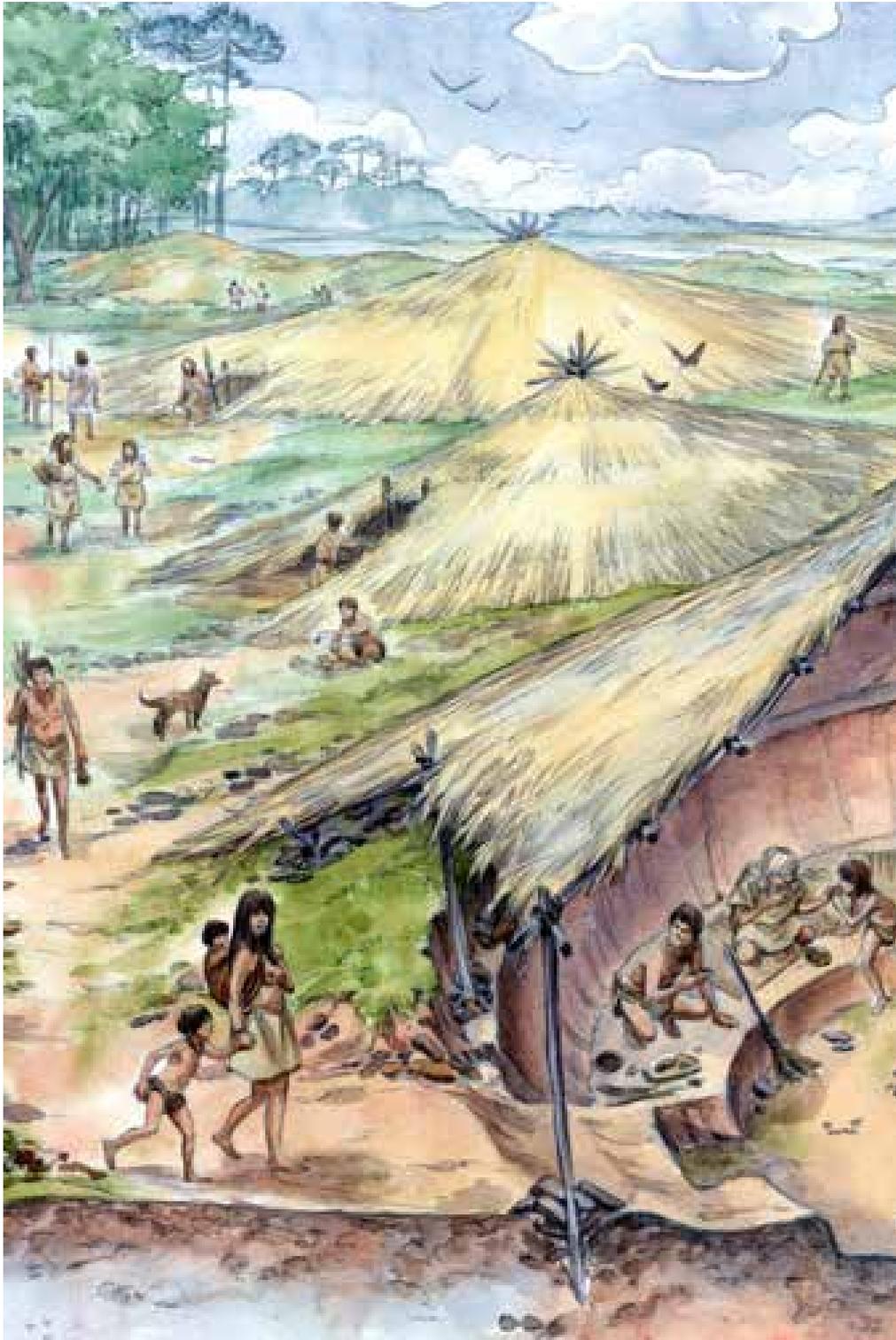
24110000018117



24110000018117



24110000018117



02/09/2024 16:29:45 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANEXAR DOCUMENTAÇÃO 48

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINES EXPOSITIVOS 126

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 230



24110000018117



24110000018117



24110000018117



02/09/2024 16:29:45 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANEXAR DOCUMENTAÇÃO 49

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINES EXPOSITIVOS 127

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 231



## AGRICULTORES DAS TERRAS BAIXAS: OS POVOS GUARANI

Há cerca de 2 mil anos, grupos amazônicos falantes da língua tupi-guarani chegavam ao extremo sul do Brasil, dominando as planícies e dispersando-se pelas bacias hidrográficas dos grandes rios, até ocupar grande parte do que é hoje o Rio Grande do Sul. Os registros arqueológicos demonstram que a dispersão desses grupos se deu principalmente pelo rio Uruguai, adentrando o estado pelos rios Ijuí e

Jacuí, expandindo sua população para outras bacias e litoral. Nesse processo de expansão territorial tiveram contato com outros povos que já habitavam essas áreas, pressionando os grupos Jê para as terras altas e interagindo com os povos construtores de cerritos. Estima-se que mais de 200 mil pessoas falavam o tupi-guarani no território do atual Rio Grande do Sul na época da chegada dos portugueses.



Rio Paranhã, afluentes do Rio Jacuí, próximo ao sítio Candelária 1, Camêlida, RS, Junho/2016, 2016

02/09/2024 16:32:29 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANEXAR DOCUMENTAÇÃO 50

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINEIS EXPOSITIVOS 128

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 232



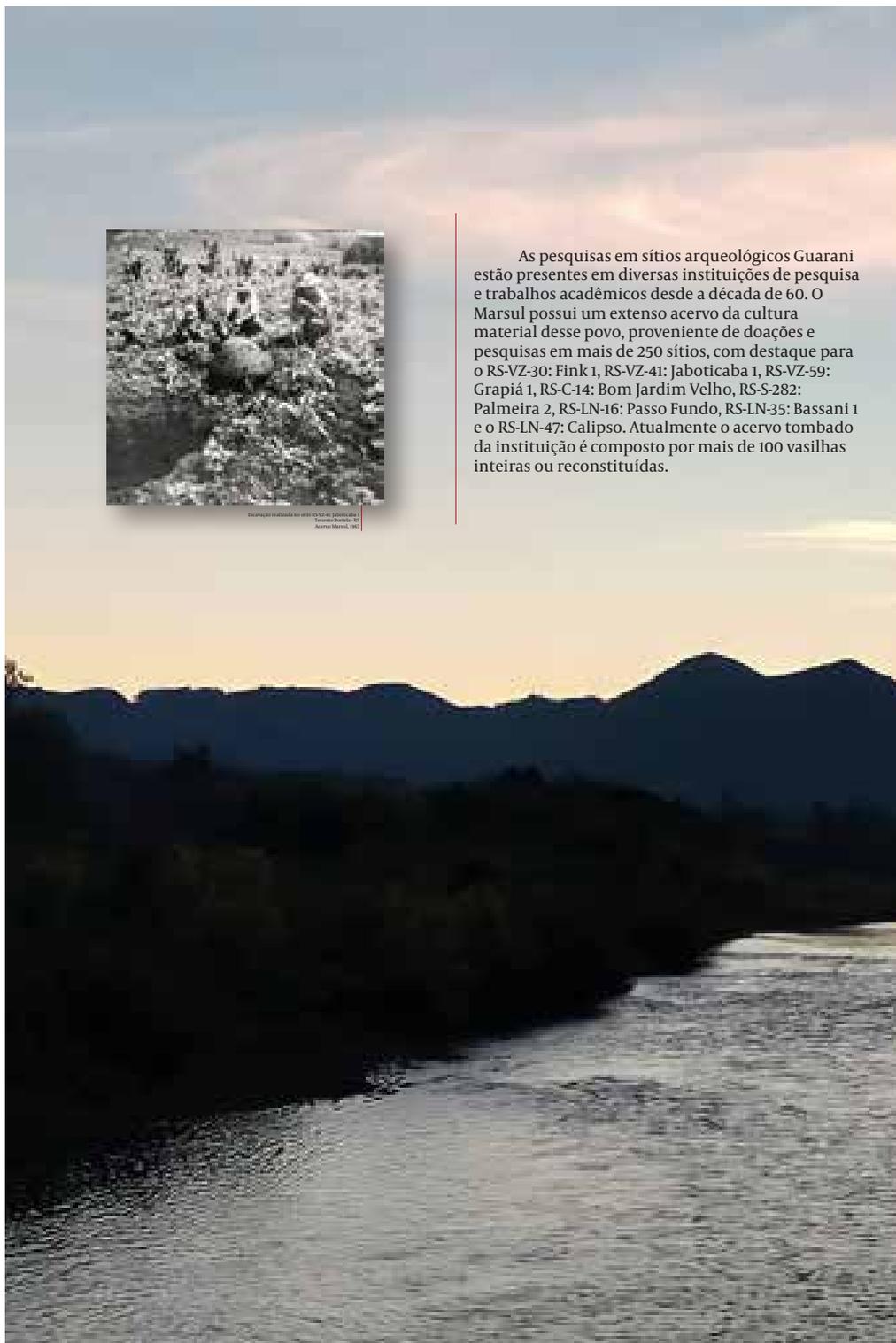
24110000018117



24110000018117



24110000018117



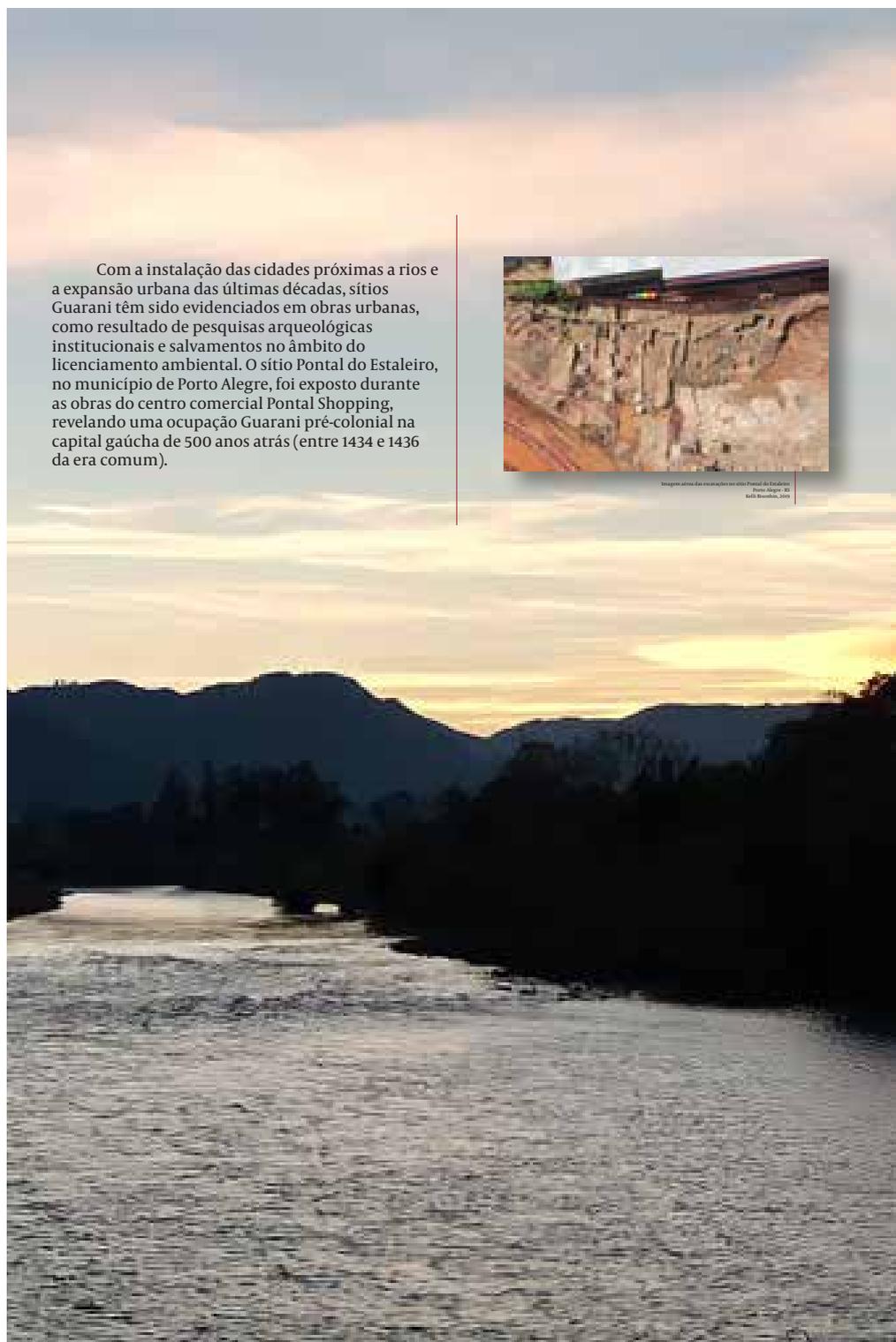
Resumo de trabalhos realizados no Sítio de Jaborituba, Guarani, Paraná, RS, Arquivo Marsul, 1991

As pesquisas em sítios arqueológicos Guarani estão presentes em diversas instituições de pesquisa e trabalhos acadêmicos desde a década de 60. O Marsul possui um extenso acervo da cultura material desse povo, proveniente de doações e pesquisas em mais de 250 sítios, com destaque para o RS-VZ-30: Fink 1, RS-VZ-41: Jaboticaba 1, RS-VZ-59: Grapiá 1, RS-C-14: Bom Jardim Velho, RS-S-282: Palmeira 2, RS-LN-16: Passo Fundo, RS-LN-35: Bassani 1 e o RS-LN-47: Calipso. Atualmente o acervo tombado da instituição é composto por mais de 100 vasilhas inteiras ou reconstituídas.

02/09/2024 16:32:29 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANEXAR DOCUMENTAÇÃO 51

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINÉIS EXPOSITIVOS 129

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 233



Com a instalação das cidades próximas a rios e a expansão urbana das últimas décadas, sítios Guarani têm sido evidenciados em obras urbanas, como resultado de pesquisas arqueológicas institucionais e salvamentos no âmbito do licenciamento ambiental. O sítio Pontal do Estaleiro, no município de Porto Alegre, foi exposto durante as obras do centro comercial Pontal Shopping, revelando uma ocupação Guarani pré-colonial na capital gaúcha de 500 anos atrás (entre 1434 e 1436 da era comum).



Imagem aérea das escavações no sítio Pontal do Estaleiro - Porto Alegre - RS - 2013. (Bianchi, 2019)

02/09/2024 16:32:29 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANEXAR DOCUMENTAÇÃO 52

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINÉIS EXPOSITIVOS 130

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 234



24110000018117



24110000018117



24110000018117



02/09/2024 16:32:29 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANEXAR DOCUMENTAÇÃO 53

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINÉIS EXPOSITIVOS 131

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 235



## ALIMENTAÇÃO E PAISAGEM GUARANI

Sua dieta alimentar pré-colonial tinha como base a agricultura, complementada pela coleta de plantas silvestres, caça de animais e pesca. Os cultivos eram realizados em pequenas clareiras abertas na mata, utilizando a técnica de coivara, que consiste em derrubar e queimar as árvores, criando um solo fértil para o plantio. O abandono dessas áreas permitia o crescimento de plantas arbustivas e herbáceas, atraindo animais para caça.

No entorno de suas aldeias, disseminavam árvores frutíferas e ervas medicinais, além de criarem palmeiras artificiais, os *pindôtibas*, formados por palmeiras Jerivá. O ambiente planejado promovia um espaço rico em recursos econômicos, fornecendo madeira, cipós, taquaras e palhas para suas casas e cestas, permitindo uma vida plena nas aldeias, conectadas entre si em um grande território.

A paisagem Guarani, que envolvia a domesticação de plantas, inserção, modificação e multiplicação de comunidades arbóreas, caracterizada pelo manejo agroflorestal, contribuiu para a expansão territorial desses grupos de forma sustentável, proporcionando ciclos de renovação para as florestas, sem causar escassez de recursos. Estima-se que mais de 180 variedades de plantas foram cultivadas por eles, entre elas alguns tipos de mandioca, amendoim, feijão, batata, inhame, batata-doce, milho e abóbora. Essas espécies faziam parte da alimentação Guarani desde a Amazônia, sua região de origem. Ao chegarem ao Sul, adotaram espécies novas, como a Araucária, a Erva-mate, as palmeiras do gênero *Butia sp.*, e espécies locais de algarrobos.

O milho é um dos cultivos mais importantes para os grupos Guarani, pré-coloniais e atuais, que ultrapassam o consumo apenas doméstico. A festa anual do milho (*avatikyry avati ñemongarai*) simboliza a abertura da época do seu consumo e demonstra uma seleção de tipos de milho, com diferentes funções e importâncias: função ritual, doméstica e não indígena (milho dos *jurua*).



Ilustrações: contribuições de pesquisadores do INIA, 2014. Manual de Sementes. 25. Universidade de São Paulo, 2015.



02/09/2024 16:32:29 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANEXAR DOCUMENTAÇÃO 55

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINEIS EXPOSITIVOS 133

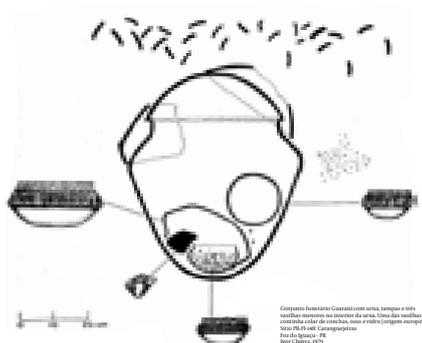
24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 237



## VIDA E MORTE: PRÁTICAS MORTUÁRIAS

Os vestígios arqueológicos evidenciam duas formas diferentes de enterrar os mortos, entre os grupos Guaraní pré-coloniais. Nos sítios arqueológicos são encontradas pessoas sepultadas em covas, em posições estendidas ou fletidas, com uma vasilha cerâmica emborcada sobre o corpo. Junto ao morto são encontradas vasilhas menores, cachimbos, *tembetás*, placas peitorais, lâminas de machado, entre outros utensílios, marcando os

rituais funerários desses grupos. Também são encontradas pessoas sepultadas em urnas, enterradas próximo ou dentro das áreas domésticas. Essas urnas eram vasilhas grandes, que foram utilizadas em algum momento como panelas ou talhas de fermentação de bebidas alcoólicas. Apresentavam tampas, com a utilização de uma vasilha menor emborcada sobre a urna.



Complexo Arqueológico Cuatrecasas com urnas, tampas e vasilhas emborcadas no interior da urna. Uma das vasilhas contém resíduo de cerâmica, com a tampa (conjunto completo). Sítio PA-84-01, Carapicuíba, São do Estado de São Paulo, SP. (Gr. Chaves, 1974)



Uma tampa de urna do mesmo sítio PA-84-01 (Tela 4). (Pereira Lourenço, 1974). (Arquivo Nacional, 2012)



Sepultamento em cova com urna de madeira sobre a face do indivíduo. Vila Bela da Santíssima Trindade, MT. Arquivo Nacional, 1975.

Esses dois padrões funerários são caracterizados pelos pesquisadores como enterramentos primário e secundário. As pessoas seriam enterradas primariamente em covas, passando por ritos fúnebres, para depois terem seus ossos remanejados em uma urna funerária, como enterro secundário e definitivo. Nem sempre esse processo ocorria, existindo alguns sepultamentos diretamente em urnas, ou aqueles que foram definitivos em covas.

Essas práticas funerárias contrastam com as práticas evidenciadas entre os Jê do sul, que separavam seus cemitérios das áreas domésticas, em uma nítida separação do mundo dos vivos e dos mortos. Para os Guarani, a urna possuía uma conexão mítica, simbolizando o ciclo de nascimento e morte, além da proteção do espírito em seu processo pós morte. Não há registros suficientes para demarcar os enterramentos em urnas como exclusivos às lideranças e pessoas de grande importância entre o grupo, no entanto, os relatos etnohistóricos sugerem que essa era a sua função principal, incluindo o sepultamento de crianças.



Uma urna sepultamento. Vila Bela da Santíssima Trindade, MT. Arquivo Nacional, 1975.

02/09/2024 16:32:29 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANEXAR DOCUMENTAÇÃO 57

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINÉIS EXPOSITIVOS 135

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 239



24110000018117



24110000018117



24110000018117



Registro de uma fotografia em processo de extração  
Data: 02/09/2024  
Código: 58

02/09/2024 16:32:29 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANEXAR DOCUMENTAÇÃO 58

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINEIS EXPOSITIVOS 136

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 240

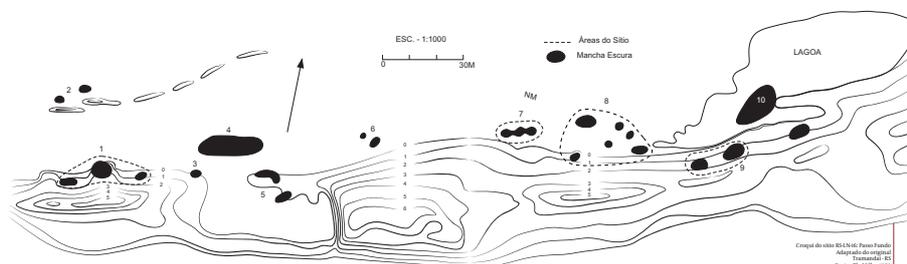


## AS OCUPAÇÕES E SEUS VESTÍGIOS

Os sítios arqueológicos Guarani são encontrados tanto em pequenas elevações, na várzea de rios, quanto em abrigos rochosos ou terraços de meia encosta, em áreas de serra. Suas ocupações se estendem também para o litoral, em áreas de restinga, por vezes sobre cerritos e sambaquis, como reocupações desses espaços.

A principal característica de um sítio Guarani são as “manchas pretas”, um sedimento escuro com muita matéria orgânica, vestígios de fogueira, buracos de estacas, restos alimentares e alta concentração de fragmentos cerâmicos. Em meio as manchas escuras são encontradas urnas funerárias, por vezes inteiras e preservadas.

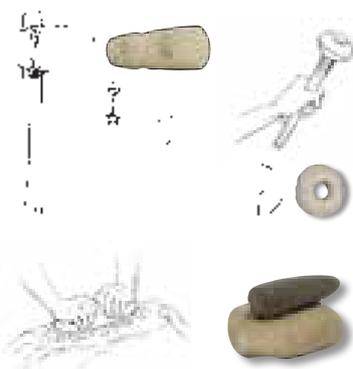
Ao longo das pesquisas essas manchas tem sido interpretadas como negativos das estruturas arquitetônicas das aldeias, sendo algumas como acampamentos temporários. Os sítios apresentam geralmente estruturas agrupadas, de duas a oito manchas, em dimensões que podem ser pequenas ou muito grandes, chegando até 80 metros de diâmetro. A disposição dessas estruturas segue predominantemente um alinhamento Leste-Oeste, padrão observado entre grupos Guarani históricos e atuais, conectando o registro arqueológico às culturas descendentes.



Camada arqueológica (mancha preta) em estratigrafia. Sítio 02/03/02. Museu. Adaptado do original. Formosa, RJ. Escala 1:5. Miller, 1969.

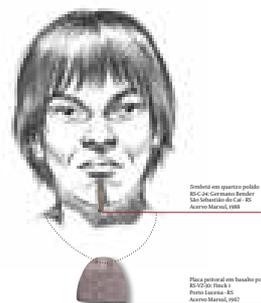


A cultura material Guarani ficou conhecida na arqueologia como tradição Tupiguarani, caracterizada pela decoração da cerâmica, adornos, cachimbos e artefatos líticos polidos. Em uma perspectiva tecnológica, a técnica e a forma de confecção de panelas e urnas funerárias são seus principais aspectos de identificação cultural.



Entre as ferramentas líticas destacam-se os machados polidos, utilizados para o corte da mata; as *itaiçás*, interpretadas como armas de guerra ou “rompe-cabeças”; e os maceradores, chamados de mão-de-pilão. Muitas lascas de quartzo e sílexitos são encontradas em contextos Guarani. Extremamente afiadas, eram utilizadas para corte de materiais moles, como carnes e peles.

Essas pessoas utilizavam adornos confeccionados em pedra, como as placas peitorais em basalto polido; e os *tembetás*, confeccionados geralmente em cristal de quartzo polido, associados a peças em arenito, utilizadas para sua confecção. A perfuração do lábio e colocação do *tembetá* é conhecida etnograficamente como o ritual *kunumi pepy*, ainda praticado por alguns grupos Guarani.





24110000018117



24110000018117



24110000018117



02/09/2024 16:32:29 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANEXAR DOCUMENTAÇÃO 61

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINEIS EXPOSITIVOS 139

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 243



02/09/2024 16:32:29 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANEXAR DOCUMENTAÇÃO 62

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINEIS EXPOSITIVOS 140

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 244



## ONDE ESTÃO ESSAS PESSOAS?

Conhecidos no período colonial como Guarani, Carijó, Cainguaí, Kaiguá, Tapes, entre outras denominações que não detalham diferenças dialetais ou culturais, foram classificados etnohistoricamente como “nação Guarani”, para todos os grupos que falavam a mesma língua, da costa atlântica até o Paraguai. Seus territórios foram palco de disputa entre portugueses e espanhóis entre os séculos XVI e XIX, que buscavam ampliar as fronteiras de suas colônias entre Brasil e Colônia del Sacramento. Muitos grupos Guarani foram aldeados nas reduções jesuíticas, até meados do século XVIII, quando foram massacrados pelas forças das coroas ibéricas. Seus remanescentes se espalharam pela América do Sul, vivendo próximo às estâncias ou em aldeamentos.

Atualmente estão dispersos em territórios na Bolívia, Paraguai, Uruguai, Argentina e nas regiões centro-oeste, sul e sudeste do Brasil. Aglomerados em reservas, aldeias, áreas urbanas e terras indígenas, estima-se em 85.000 pessoas que se reconhecem como Guarani, somente no Brasil.

A organização territorial Guarani é constituída por diferentes dimensões espaciais. Essas dimensões contemplam a casa - *oka*; a aldeia - *amundá*; o conjunto de aldeias, que formam um território - *teko'á*; e o conjunto de territórios, como uma nação - *guará*. O *teko'á* é um território de domínio e influência, formado por aldeias interligadas entre si por caminhos - *peabirú*, limitado por morros e rios. Nele se desenvolve a vivência desse povo, no seu aspecto individual e coletivo, em uma abrangência econômica e simbólica.

Os grupos Mbyá-guarani, descendentes dos Guarani pré-coloniais e predominantes no Rio Grande do Sul, ainda hoje mantêm suas tradições, buscando preservar o modo de vida ancestral - o *teko*. Seu lugar de vivência - o *tekoha*, é essencial para o modo de ser Guarani, como extensão de sua própria existência, constituindo uma cosmologia com imensa sabedoria ancestral e de equilíbrio com a natureza. Muitas vezes imersos em contextos marginais e cerceados de sua autonomia de subsistência, não conseguem vivenciar seu modo de ser.

“Sem *tekoha*, não há *teko*”!



*“Aqueles que não entendem nossa língua, vou traduzir. O povo Guarani era como um rio que corria lentamente em seu curso quando uma pedra gigante foi lançada dentro do córrego. A água espirrou para vários cantos. E os sobreviventes estão aqui hoje reunidos.”*

Anastácio Peralta, Guarani-Kaiowá, 2007





02/09/2024 16:32:29 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANEXAR DOCUMENTAÇÃO 64

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINEIS EXPOSITIVOS 142

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 246



## VASILHA CERÂMICA: CORPO E SABER FEMININO

Os recipientes, de tamanhos e formas diferentes, eram utilizados na vida cotidiana dessas pessoas, para transportar, armazenar, preparar, servir líquidos e alimentos. Além da forma utilitária, também possuíam funções especiais e exclusivas, como o uso em festas coletivas ou sepultamento dos mortos. É na decoração pintada que as vasilhas cerâmicas representam o principal vestígio marcador da cultura Guarani pré-colonial.

Os vasilhames grandes, geralmente pintados, chamados de *cambuchi*, eram utilizados para fermentação e conservação de bebidas alcoólicas, chamadas de *cauin* ou *cagui*, feitas de milho e mandioca. Os menores eram utilizados para servir bebidas, chamados de *cambuchi caguabá*. Vasilhames de bojo largo eram utilizados como panela, para cozinhar alimentos, chamados de *yapepó*. As tigelas - *ñaetá* e os pratos - *tembirú* eram utilizadas para tostar ou dividir alimentos entre o grupo.

As mulheres eram as responsáveis pela produção das cerâmicas, seguindo uma tradição passada por gerações, intimamente vinculada ao universo feminino. O sepultamento dos mortos em posição fetal, nas vasilhas *cambuchi* grandes, era uma associação destas com o útero materno. Os potes eram vistos como recipientes da vida, não apenas representando a geração da vida, mas como objetos sagrados da vida e da morte.





A decoração da cerâmica possui variados estilos plásticos, sendo o corrugado o mais comum deles. As pinturas, geralmente vermelha sobre uma base branca, apresentam elementos figurativos e simbólicos de sua cosmologia. Esses padrões decorativos são observados, de forma semelhante, em cestarias e pinturas corporais de seus descendentes, reproduzindo seus preceitos míticos.



O processo de produção de um vasilhame envolve a busca pela argila, geralmente em locais próximos a água; a escolha do material que será misturado a ela, com a função de anti plasticidade; a manufatura, que envolve a modelagem da vasilha e o acabamento da superfície; a decoração e a queima. A manufatura mais utilizada pelos Guarani era a técnica de roletes sobrepostos, dando forma ao pote, para posterior modelagem.

Atualmente os Guaranis produzem no seu cotidiano apenas os cachimbos, chamados de *petinguá*, enquanto as vasilhas cerâmicas foram substituídas, quase na sua totalidade, por outros materiais, como o metal. Há um movimento de resgate dessa memória de confecção de cerâmica, incentivado por projetos e lideranças desses grupos.



Alma Mbya - cerâmica tradicional (Fotografia: Alana Castagnoli - Paraná, 02/2015) Vitoria Frey e Daniela Christofide, 2015



02/09/2024 16:32:29 SEDAC/DMP/481734601 PARA ANEXAR DOCUMENTAÇÃO 67

23/09/2024 11:45:44 SEDAC/DEA/384768301 MARSUL PAINEIS EXPOSITIVOS 145

24/09/2024 17:37:33 SPGG/DELIC/CELIC/349709701 DISPENSA PARA ASJUR JO 249